

## O ESCÂNDALO DAS DROGAS

DE RUBEM BRAGA

O diretor de um laboratório de S. Paulo me escreveu outro dia, rebatendo-me minha última crônica sobre a indústria farmacêutica. Nessa crônica eu lembrava o escândalo que foi a publicação, pelas autoridades sanitárias, do resultado das análises feitas em uma grande série de produtos farmacêuticos. A maioria dos produtos examinados não continha os elementos anunciados em suas fórmulas. Feito o escândalo - notei - houve uma bonita campanha de anúncios por parte de um grupo de laboratórios. E depois não se falou mais nisso. Continua o nosso povo a consumir remédios que não são fiscalizados.

Diz o meu missivista que, ao contrário do que eu escrevi, os laboratórios honestos estão interessados em promover a fiscalização da indústria. A prova é que um grupo de laboratórios paulistas se dirigiu, em outubro de 1946, ao Fundo Universitário de Pesquisas propondo-se a fornecer numerário para a criação de um órgão científico. A iniciativa fracassou por oposição estatal.

Na verdade eu não tinha conhecimento dessa iniciativa - que, de resto, pelos recortes que recebo, parece ter sido puramente estatal. Penitencio-me por essa ignorância, muito explicável pelo fato de eu não morar em S. Paulo. Mas nem a minha penitência nem a inteligente argumentação de meu delicado missivista valerão, entretanto, de coisa alguma ao público. O fato é que essa indústria continua a não ser fiscalizada. O fato é que as últimas notícias que temos, em matéria de análises, são estas: a maioria dos produtos examinados era de produtos falsos. O fato é que não temos nenhuma notícia nem nenhuma garantia de que esses produtos não continuem a serem vendidos, e outros produtos igualmente ruins não possam ter sido lançados.

Crítica o missivista, e provavelmente com razão, a lerdeza do Parlamento, que até agora não legislou sobre o assunto. Ocupado em se amputar com a cassação de mandatos e fazer outras manobras políticas, o Parlamento, na verdade, tem deixado para trás muitos assuntos tão importantes como esse. Enquanto espera, o público vai ingerindo as mais extravagantes drogas. Diz o meu missivista que a "maioria" a que aludo é a maioria das marcas examinadas. Mas essa maioria das marcas examinadas é uma porcentagem muito pequena no volume das drogas produzidas. Admitamos isso. Mas não basta para caracterizar a profunda desmoralização de uma indústria o fato de a maioria da marca de seus produtos não merecer confiança, por proteger drogas inócuas ou nocivas? O fato é que o povo continua à mercê da publicidade do rádio e da imprensa ou de que é feita através dos médicos - às vezes, como já tem sido revelado, à custa de porcentagens no preço de venda. Se amanhã me der na telha de inventar o produto Biro-Biro, maravilhoso complexo de vitaminas e sais minerais, ou de penicilina ou streptomocina, posso lançar em várias estações de rádio do país o programa Biro-Biro, encher os jornais e paredes de Biro-Biro, e fa-

(CONT. 2 - BRAGA) - zer centenas de milhares de pessoas comprar Biro-Biro - sem que por isso me aconteça nada, além de ganhar muito dinheiro. É basta que eu me dê ao trabalho de fazer uma só amostra de Biro-Biro para a aprovação das autoridades. Daí para a frente posso fazer Biro-Biro à vontade com água de bica ou farinha de mandioca.

Ora, é demagogia clamar contra um tal estado de coisas? Não. Demagogia é defender a indústria farmacêutica com vistosos anúncios em que se diz que os laboratórios estão de portas abertas. Ora está! Não basta que os laboratórios estejam de portas abertas, e não interessa de modo algum que eles estejam de portas abertas para o leitor de anúncios ir lá fazer uma visita. O que interessa é que todos os produtos farmacêuticos, nacionais ou estrangeiros, oferecidos à venda, sejam analisados periodicamente e regularmente. Isso interessa porque está provado - e ninguém, nem o meu missivista pôde desmentir isso - que a maioria desses produtos postos à venda representa um assalto à bolsa do povo e um crime contra a sua saúde e muitas vezes contra a sua vida.

Se os industriais que se dizem honestos resolvem defender a indústria farmacêutica em bloco (em nenhuma de suas publicações eu vejo o reconhecimento dessa verdade elementar de que o escândalo tem razão de ser; eles preferem simplesmente reclamar contra o escândalo) a obrigação do jornalista é de prevenir o homem do povo contra essa publicidade. É dizer que tudo, afinal de contas, continua no mesmo; e que ele pode ~~XXXXXXXXXX~~ continuar a ser furtado e envenenado à vontade.

Fala o meu missivista em "consciência profissional". Admito que ele a possua no mais alto grau; ele e muitos de seus colegas de indústria. O que não admito é que aqueles que não a possuem em grau nenhum se beneficiem com esses anúncios bonitos e essas ardorosas defezas da indústria farmacêutica - e continuem a tungar e a matar o povo. Isso continua a ser feito - e é necessário que se diga, e se repita isso.